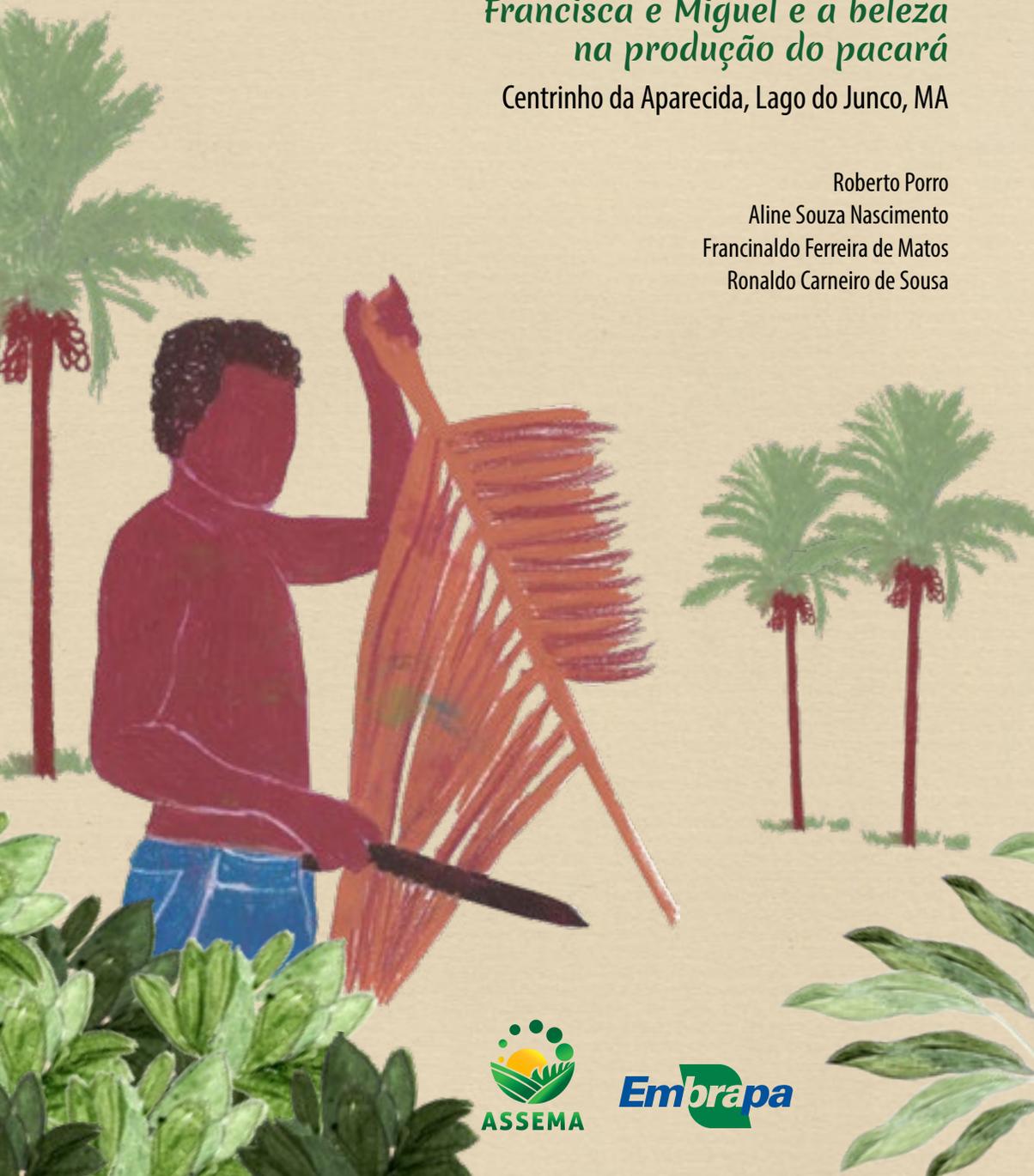


*Francisca e Miguel e a beleza
na produção do pacará*

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA

Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Francinaldo Ferreira de Matos
Ronaldo Carneiro de Sousa



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
Embrapa Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão**

Mestres do Agroextrativismo no Mearim
Volume 30

***Francisca e Miguel e a beleza
na produção do pacará***

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA

*Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Francinaldo Ferreira de Matos
Ronaldo Carneiro de Sousa*

Embrapa
Brasília, DF
2020

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W5 Norte (final)
70770-917 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4700
Fax: (61) 3340-3624
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

Embrapa Amazônia Oriental

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/nº
Caixa postal 48
66095-903 Belém, PA
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845

Unidade responsável pelo conteúdo

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Comitê Local de Publicações
Presidente
Marília Lobo Burle

Secretária-executiva
Ana Flávia do N. Dias Côrtes

Membros

Antonieta Nassif Salomão; Bianca Damiani Marques; Diva Maria Alencar Dusi; Francisco Guilherme V. Schmidt; João Batista Teixeira; João Batista Tavares da Silva; Maria Cléria Valadares-Ingliš; Rosameres Rocha Galvão; Tânia da Silveira Agostini Costa

Editores técnicos da coleção
Roberto Porro
Anderson Cássio Sevilha

Embrapa

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W3 Norte (final)
70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
www.embrapa.br

Unidade responsável pela edição

Embrapa, Secretaria-Geral

Coordenação editorial
Alexandre de Oliveira Barcellos
Heloiza Dias da Silva
Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial
Waldir Aparecido Marouelli

Revisão de texto
Maria Cristina Ramos Jubé
Lara Aliano Farias da Silva Pereira

Normalização bibliográfica
Ana Flávia do N. Dias Côrtes
Rejane Maria de Oliveira (CRB-1/2913)

Projeto gráfico e ilustrações
Sílvia Moan

Diagramação e arte-final da capa
Leandro Sousa Fazio

1ª edição

1ª impressão (2020): 500 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Francisca e Miguel e a beleza na produção do pacará : Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA / Roberto Porro ... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa, 2020.

58 p. : il. ; 16 cm × 22 cm. – (Mestres do agroextrativismo no Mearim, 30)

ISBN 978-65-87380-01-8 (obra compl.). – ISBN 978-65-86056-66-2 (v. 30)

1. Médio Mearim. 2. Extrativismo sustentável. 3. Manejo. 4. Boas práticas. 5. Agricultura familiar. I. Porro, Roberto. II. Nascimento, Aline Souza. III. Matos, Francinaldo Ferreira de. IV. Sousa, Ronaldo Carneiro de. V. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. VI. Coleção.

CDD (21 ed.) 630.5

Ana Flávia do N. Dias Côrtes (CRB-1/1999)

© Embrapa, 2020



Autores

Roberto Porro

Engenheiro-agrônomo, doutor em Antropologia Cultural, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Aline Souza Nascimento

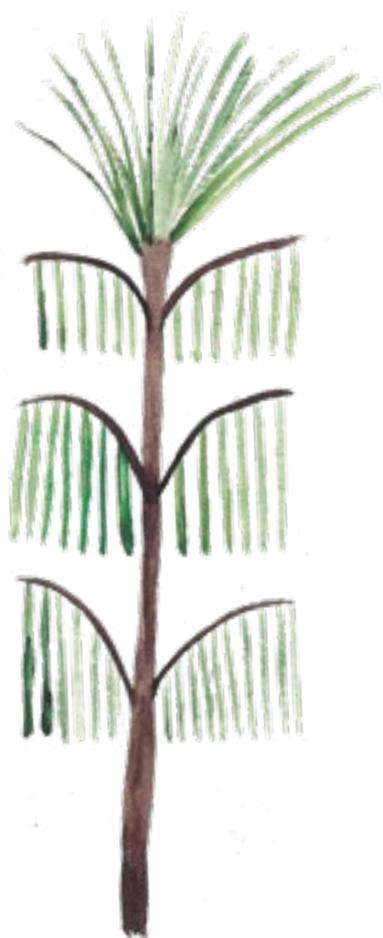
Cientista social, mestranda da Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Francinaldo Ferreira de Matos

Administrador de empresas, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, assessor do Movimento Interstadual das Quebradeiras de Coco-Babaçu, São Luís, MA

Ronaldo Carneiro de Sousa

Técnico em agropecuária, assessor da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, Pedreiras, MA





Agradecimentos

Agradecemos o apoio institucional e financeiro concedido pela Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF).

Aos diretores e técnicos da Assema, que apoiaram a produção desta coleção, e especialmente às famílias que compartilharam conosco valiosas informações.

A todos aqueles que contribuíram na edição dos 30 volumes da coleção, especialmente à equipe de editoração da Embrapa. O apoio e engajamento de Nilda Sette e Waldir Marouelli foram fundamentais. E também ao Cláudio Quinto Filho, da Assema, e Renan Matias, do projeto Bem Diverso, pela elaboração dos croquis dos estabelecimentos rurais.

Esperamos que as publicações geradas contribuam para dar visibilidade aos objetivos de desenvolvimento e bem-estar das comunidades agroextrativistas do Território do Médio Mearim, no estado do Maranhão.





Apresentação

Promover o desenvolvimento local e conservar a biodiversidade brasileira é um dos objetivos do projeto Bem Diverso, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Com foco nesse objetivo, foi elaborada uma coleção de 30 publicações, intitulada Mestres do Agroextrativismo no Mearim, em parceria com a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema).

As publicações trazem experiências e iniciativas locais consideradas bem-sucedidas no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.).

A apresentação dessas experiências nesta coleção, realizada em conjunto pela Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e a Embrapa Amazônia Oriental, marca mais uma etapa do trabalho desenvolvido pelas Unidades do projeto Bem Diverso, e reúne capacidades técnicas de inovação em biomas tão importantes como a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga, que se cruzam no Território da Cidadania do Médio Mearim.



Prefácio

Mais de 130 mil pessoas vivem na área rural do Território do Médio Mearim, sobretudo agricultores familiares, assentados e comunidades quilombolas. O Médio Mearim encontra-se numa zona de transição entre a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga. Ao longo dos anos, o território perdeu boa parte da sua cobertura florestal nativa, por conta do desmatamento para formação de pastagens e agricultura extensiva. A palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), que sempre esteve presente na rica composição da vegetação originária que cobria o território, passou a dominar a paisagem em sucessão, tornando-se a espécie florestal predominante, cobrindo vastas áreas chamadas de babaçuais, que se tornaram a base do sustento de milhares de famílias no Médio Mearim.

Por essa razão, as comunidades lutam pela proteção das palmeiras, que sofrem pressão graças à tendência de sua eliminação por pecuaristas. Essa luta é protagonizada principalmente por mulheres, as quebradeiras de coco, que, além de coletar e processar o coco-babaçu, se organizam em movimentos sociais para garantir o acesso livre aos babaçuais, tanto em áreas públicas como privadas.

No início de 2017, a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) iniciou



uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do projeto Bem Diverso, para viabilizar a disseminação e replicabilidade de boas práticas de manejo agroextrativista realizadas no Território da Cidadania do Médio Mearim, Maranhão.

Um dos objetivos da atividade consistia em reconhecer e dar visibilidade ao esforço concreto do dia a dia das famílias agroextrativistas da área de atuação da Assema.

Com base em processo conduzido pela Assema, foram selecionadas 30 famílias entre as unidades produtivas agroextrativistas, em nove municípios do território. A seleção levou em conta o destaque das famílias na condução de uma ou mais das seguintes atividades: 1) reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade; 2) cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; 3) cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; 4) cultivo comercial de hortaliças; 5) pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; 6) inovações na criação de pequenos animais; 7) processamento de frutas, mandioca ou leite; 8) processamento do coco-babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

A sistematização e a apresentação das iniciativas locais bem-sucedidas das famílias selecionadas, no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu, bem como os principais componentes do modo de vida de unidades familiares de produção no Médio Mearim são apresentados nos 30 volumes da coleção. Cada publicação retrata, portanto, o trabalho muito mais amplo realizado por centenas de famílias no território.



Este volume consiste na sistematização das iniciativas e práticas de manejo realizadas no estabelecimento de Miguel Pereira Lima e Francisca Josiane Silva, no Centrinho da Aparecida, município de Lago do Junco, MA. A família se destaca pela confecção de artesanato a partir das palhas do coco-babaçu.

É importante destacar que, em praticamente todos os casos sistematizados, a iniciativa das famílias não se restringe a apenas uma atividade principal. É comum que duas ou três atividades predominantes sejam integradas no estabelecimento rural, onde também são executadas diversas outras atividades complementares.

Em cada caso, identificam-se as dimensões do caráter exitoso observado pela equipe de pesquisadores, técnicos e agentes de desenvolvimento que conduziram este trabalho ao longo de 18 meses, colhendo depoimentos, imagens e gerando textos que poderão ser utilizados em processos de aprendizado e compartilhamento do conhecimento, contribuindo, assim, para a divulgação do esforço desses mestres e mestras do agroextrativismo no Médio Mearim.

Convidamos, assim, leitores e leitoras a conhecer e compartilhar essas histórias.

Raimundo Ermino Neto
Coordenador-Geral da Associação em
Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão





Sumário

Breve trajetória **15**

Estabelecimento familiar **19**

“Uma ruma de pacará
feito é bonito demais” **23**

A quebra do coco-babaçu **31**

Meios de vida **35**

Lições aprendidas e desafios **43**

Referências **47**

Foto: Aline Nascimento



O casal Miguel Pereira Lima e Francisca Josiane Pereira da Silva.



Breve trajetória

A quebradeira de coco-babaçu Francisca Josiane Pereira da Silva (38 anos) é casada desde 2017 com o lavrador Miguel Pereira Lima (39 anos), conhecido como Profeta, filho de mãe cearense e de descendência indígena. O apelido de Profeta surgiu a partir de uma brincadeira durante um trabalho na roça:

O sol estava quente, tinha um bolão de nuvem cheia de água e os 'pião' [agricultores] disseram: 'rapaz vou colocar teu apelido de Profeta se tu disser que vai chover já já'. Eu olhei para cima e disse: pois é, já já que dá um sereno. Foi dito e feito! Foi só terminar de fechar a boca que o sereno caiu. Aí me batizaram.

O casal vive no povoado de Centrinho da Aparecida, localizado no Projeto de Assentamento Estadual (PE) Ludovico, município de Lago do Junco. O assentamento se originou a partir de um conflito fundiário no qual famílias do povoado de Ludovico, fundado no início do século 20, lutaram por seus direitos de acesso aos babaçuais e pela posse da terra. Natural de Ludovico, Josiane se mudou aos 15 anos para a cidade de Paragominas, no Pará, pois uma das suas irmãs ali reside. Retornou em 2016 para

o assentamento Aparecida. Profeta é natural da comunidade de Primavera, também em Lago do Junco, e se mudou criança para Ludovico no período do conflito agrário, no final da década de 1980.

O conflito em Ludovico, ou a greve, como é denominada pelos agricultores, se iniciou em 1987, a partir da luta pelo acesso aos babaçuais e à terra, num contexto nacional em que ascendia o clamor pela reforma agrária (Andrade, 2009). A resposta do fazendeiro foi a destruição das palmeiras e o aumento das restrições aos meios de vida das famílias camponesas, que então intensificaram sua organização e contaram com o apoio de várias comunidades da região para defender seus direitos e reivindicar a intervenção do Estado.

Foto: Aline Nascimento



Josiane em sua residência, em Centrinho da Aparecida, Lago do Junco.

Após mais de 1 ano de conflito, em junho de 1988, ocorreu uma negociação com o fazendeiro José Coutinho, proprietário da maior área na qual as mulheres de Ludovico coletavam o coco-babaçu. Coutinho era grande comprador de amêndoas da região, e, nessas terras, as famílias cultivavam roças no regime de arrendamento. As demandas ao Estado, com mediação da Diocese de Bacabal, culminaram com o reconhecimento do direito à terra pelas famílias, por meio da criação do PE Ludovico pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (Iterma). A aquisição de 419 ha (hectares) pelo Estado beneficiou 29 famílias que participaram diretamente do conflito até o final (Linhares, 2016), visto que muitas deixaram a área em virtude do medo provocado pelas ameaças e ações violentas de jagunços e pistoleiros contratados pelo fazendeiro.



Foto: Roberto Puro

Vista do povoado de Centrinho da Aparecida, Lago do Junco.

Atualmente, 26 famílias seguem assentadas no Centro da Aparecida, localizado a 35 km da sede municipal de Lago do Junco, e seis famílias residem no local, enquanto as demais vivem em Ludovico, dali distante apenas 4 km.

Profeta e Josiane passaram a receber acompanhamento técnico da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) recentemente. Mas suas famílias, principalmente as respectivas mães, há tempos participam dos movimentos sociais de Lago do Junco.

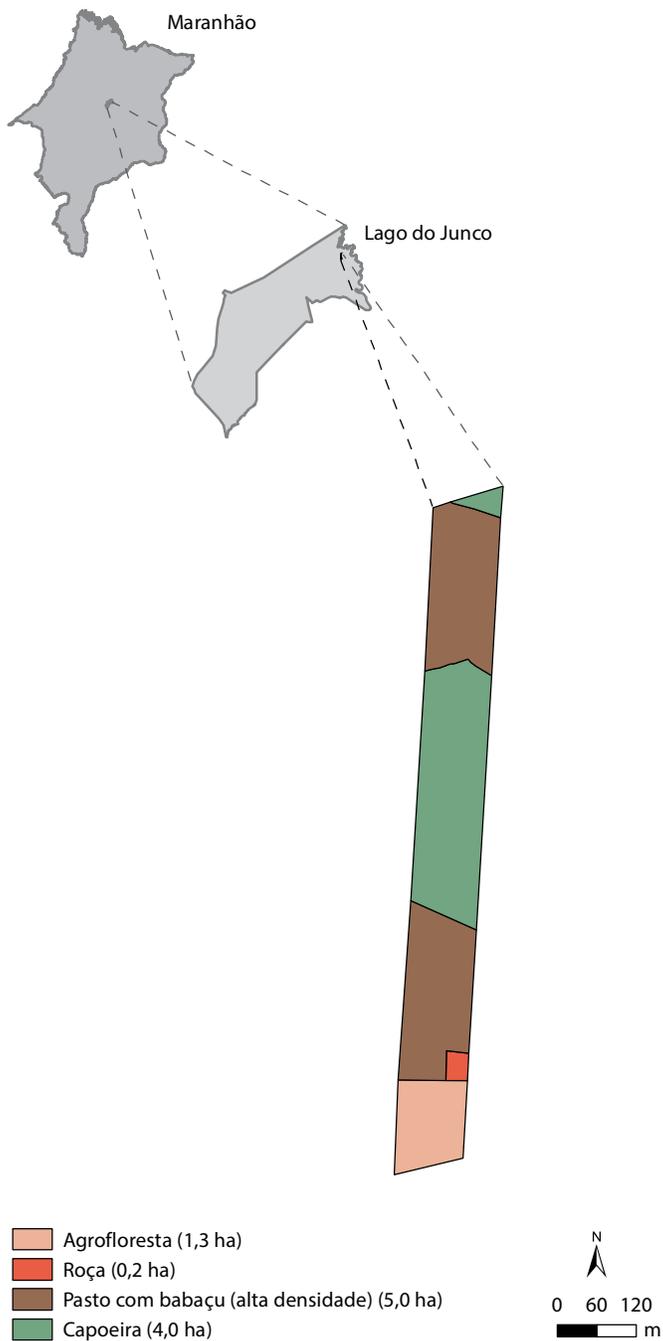




Estabelecimento familiar

Antes de se casar, Profeta morava em Ludovico com dona Luzia Pereira Lima (75 anos), conhecida como dona Lúcia, sua mãe. O lote da família no assentamento Aparecida estava sem uso. Depois de casados, Profeta e Josiane passaram a residir no Centro da Aparecida e trabalhar no lote, de 10,5 ha, que, após a separação do marido, passou a pertencer somente à dona Lúcia. O lote fica distante 1,5 km do povoado, onde estão localizadas as casas e um quintal de 0,5 ha para cada assentado. Profeta afirma que “baixei a cabeça e comecei a pensar: ‘rapaz, a gente tem onde trabalhar e fica trabalhando para um e para outro, ajeitando os bens dos outros, trabalhando no terreno dos outros’”. Decidiu então assumir o cuidado da área e nela estabelecer seu sistema produtivo, pois “pouco ou muito, é meu, vou comer satisfeito”.

Como pode ser observado no croqui a seguir, a área em que a família trabalha possui uma capoeira de 4,0 ha que está em pousio há 3 anos. Nessa capoeira, uma área, de aproximadamente 0,6 ha, está enriquecida com a leguminosa sabiá, sendo “um bocado das sementes semeadas e outras espalhadas pelo vento”, como enfatizado pelo Profeta.



Localização e croqui do estabelecimento familiar.

Fonte: Adaptado de Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

Outra área, de 5,0 ha, apresenta pasto com capim que se disseminou das áreas vizinhas, principalmente o capim duro e o lajeado, com babaçu em alta densidade (mais de 60 palmeiras por hectare). Atualmente, o casal não cria animais nesse pasto. Numa roça de 0,2 ha, foram cultivados milho, mandioca, arroz e feijão. Por fim, o estabelecimento inclui uma agrofloresta de 1,3 ha composta por bananeiras, cajueiros, tangerineiras e maracujazeiros. Os plantios da agrofloresta ainda são recentes, iniciados em 2017.



Foto: Roberto Pinto

Plantio de abacaxi no quintal da família.

Profeta sempre gostou de plantar e conservar. Por isso, o igarapé que atravessa o quintal também é preservado. O sonho do Profeta é “encher o quintal” suprindo-se, assim, de produtos úteis. Para tanto, iniciou o plantio de mil mudas de abacaxi, cajueiro, goiabeira e mangueira e, dentro de 2 anos, pretende estar com 0,8 ha de bananal em seu lote. Seguindo as recomendações de técnicos da Assema, o mato próximo ao abacaxi não é totalmente eliminado, principalmente no verão, pois “como não é bem aguada, não é irrigado, tem que pelo menos deixar o mato porque vai deixando a terra um pouco mais fria”. As espécies florestais na capoeira também são mantidas, bem como as do quintal da residência “porque uma hora pode precisar, então vou conservando”.





“Uma ruma de pacará feito é bonito demais”

O uso que as famílias que vivem no campo fazem dos recursos naturais varia conforme as características do local onde estão situadas, a acessibilidade e a disponibilidade desses recursos. No Maranhão, por exemplo, a abundância de palmeiras de babaçu permite que a população rural utilize seus produtos de maneiras diversas: do fruto são extraídas amêndoas, que podem ser comercializadas ou transformadas em azeite ou leite de coco; assim como a massa (mesocarpo), usada na alimentação; e a casca, a partir da qual é fabricado um carvão de ótima qualidade.

O paú de babaçu é um adubo orgânico muito utilizado em hortas domésticas, obtido a partir das palmeiras caídas em decomposição. Já as folhas das palmeiras (denominadas palhas) são muito úteis para cobrir casas e outras construções rurais, enquanto os talos (as hastes rígidas das folhas) são usados em cercas e na estrutura das casas de taipa. A folha nova da palmeira, conhecida localmente como olho de palha, além de ótima para cobrir casas, é empregada na confecção de artesanato utilitário, principalmente para cestaria dos mais variados tipos, como cofos, pacarás e paneiros, dentre outros.



Profeta trabalhando com o olho de palha (folha nova da palmeira).



Cada uso dos produtos da palmeira se caracteriza por particularidades que evidenciam a capacidade criativa e adaptativa dos agroextrativistas. As casas de taipa, por exemplo, são cobertas com palhas de babaçu, geralmente, nos finais de semana. É nesses dias que sobra tempo do trabalho na roça, tanto para a família como para os vizinhos, que, assim, podem ajudar na tarefa, pois uma família sozinha não consegue cobrir sua casa. Para a cobertura, quando a palha é “braba” (de palmeira mais velha), ela encontra-se aberta e, em virtude disso, deve ser riscada dos dois lados com a ponta de um facão para que possa ser fechada, de modo que os folíolos fiquem todos apenas de um lado. No caso do olho de palha, o processo é inverso, sendo necessário abri-los, atividade conhecida como estalar, realizada geralmente à noite, em momentos de socialização, marcados por conversas no terreiro da casa, quando toda a família participa. Para que o olho de palha dure mais, deve ser colocado para secar antes de ser manuseado, embora o sol também afete sua durabilidade.

Profeta trabalha desde jovem com a produção de cestaria e outros artesanatos que utilizam a palha do babaçu. De acordo com ele, a elaboração da cestaria requer habilidades como agilidade e paciência. Ele afirma que era “um sonho de infância saber fazer pacará porque uma ‘ruma’ de pacará feito é bonito demais”. Mas ele aprendeu já “pixotão”, observando seu tio, João Lucindo, cuja destreza lhe chamava a atenção.

Profeta afirma que possui “uma memória boa para aprender as coisas” e que não demorou muito para compreender a técnica. O começo não foi fácil, mas o tio sempre o aconselhava “‘rapaz, se não der certo, não desiste não’, e era assim que eu fazia”.

Somente há cerca de 10 anos começou a fazer pacarás para vender, e seus pacarás tornaram-se os mais comentados da redondeza. Sem dúvida, o fato de amar o que faz contribui, porque “sempre gostei de estar movimentando com minhas coisinhas”.



Etapas da confecção de um pacará utilizando olho de palha de babaçu.

Atualmente, além de pacará, Profeta produz vários outros objetos com a palha do coco (porta-escovas, tapete, saboneteira, abano, esteira e paneiro), anéis feitos de coco-babaçu e de tucum, e o que mais a sua imaginação lhe permitir.

A palha é buscada num pindoveiro (palmeira nova) próximo à sua casa. Para fabricar seus pacarás, prefere retirar palhas de pindovas com 4 m a 5 m de altura, que, geralmente, estão com 8 a 10 anos de nascidas. Por ser acostumado, Profeta consegue identificar a palha adequada para utilizar em seu artesanato, pois “têm muitas delas que são largas e não dá para fazer o pacará, então você deixa na palmeira [...]. A palha boa é a estreita, que é tirada ‘do olho’ da palmeira. As mais velhas só prestam para cobrir casa”.



Foto: Aline Nascimento

Profeta retirando olho de palha de babaçu.



Profeta levando para casa o olho de palha de babaçu.

Profeta tira até três “olhos” de uma palmeira, o que não a prejudica. Ele adota o máximo de cuidado, porque, como a palha é sua principal matéria-prima, retira somente o necessário. Depois de tirada, ele coloca as folhas para murchar na sombra, porque “de palha verde não dá para fazer, a palha deve estar ‘zaroia’ [murcha]”. Para tanto, a retirada da palha é feita com cerca de 4 dias de antecedência da necessidade do objeto.

A palha não pode ficar durante muito tempo guardada, senão seca muito e, no momento do manuseio, vai quebrar facilmente. Por vezes, quando está muito seca, ele “faz o pano [as partes ou lados do pacará] e, quando não dá para fechar, coloco no sereno da noite e fecho pela manhã cedinho quando acordo, porque a palha fica macia” e, portanto, fácil de manusear.

O tamanho dos pacarás varia conforme a encomenda. Por exemplo, se o cliente quiser um pacará menor, a medida é de quatro palmos e meio (90 cm), enquanto pacarás grandes medem de cinco a seis palmos (100 cm a 120 cm). Também há diferenças de acordo com o gênero do cliente, pois pacarás grandes são mais requisitados por homens, embora as mulheres, às vezes, usem estes maiores para colocar cascas de coco. A vida útil de um objeto de cestaria utilizado frequentemente é de cerca de 1 ano.



Foto: Aline Nascimento

Produtos confeccionados por Profeta a partir da palha de babaçu.

“A procura maior é no verão, porque é tempo da apanha do arroz, do feijão, quebra de milho, de juntar coco”. Nesse período, Profeta também faz bastante paneiro, maior do que o pacará e mais utilizado na colheita do arroz.

Profeta sempre guarda os talinhos (hastes fininhas) não utilizados na fabricação dos pacarás, porque “se a gente não tiver ideia, se perde tudo”. Seu desejo é utilizá-los na produção de enfeites, balaios, quibanos, cestas e até palitos de dente. Também pretende substituir o barbante que utiliza no acabamento por imbiras de tucum ou bananeira. Profeta é frequentemente convidado por professoras para mostrar sua habilidade e conhecimento em escolas de Ludovico, e essa é uma forma de divulgar e valorizar seu trabalho. Além disso, também já ensinou muitas pessoas dessa comunidade.

Foto: Alme Nascimento



Pacará é utilizado na colheita de arroz.



A quebra do coco-babaçu

Enquanto seu marido está envolvido com a produção artesanal, Josiane realiza a quebra do coco-babaçu, geralmente durante à tarde, pois pela manhã dedica-se aos cuidados com a casa e aos exercícios escolares, já que está cursando o segundo ano do ensino médio, à noite, na escola de Ludovico. É Profeta quem geralmente coleta o fruto, numa área de pasto distante 4 km da residência.



Foto: Aline Nascimento

Profeta descarregando carga com dois jacás de coco-babaçu, com a ajuda da cunhada.



Josiane trabalhando na quebra do coco-babaçu.

Até recentemente, Josiane também quebrava o babaçu coletado por Francisca, esposa de seu cunhado, que até separar-se do marido era sua companheira de quebra e morava na casa ao lado da do casal.



Foto: Aline Nascimento

Josiane e sua ex-cunhada quebrando coco-babaçu no quintal de casa.



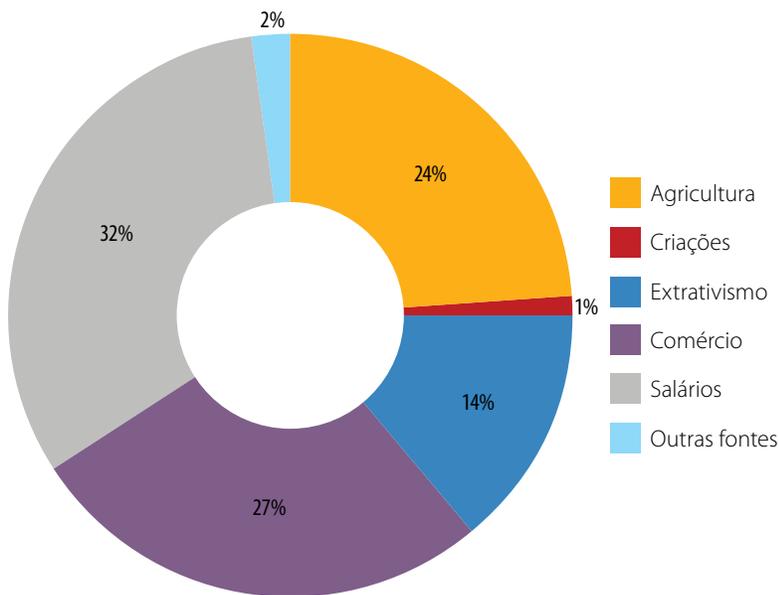




Meios de vida

O gráfico a seguir foi elaborado com base em informações fornecidas pelo casal, em entrevista realizada em maio de 2018, e apresenta uma composição bem distribuída entre as quatro principais fontes de renda monetária do domicílio, para o ano agrícola 2017/2018. No ano em questão, a principal fonte de renda monetária da família foram os salários recebidos por Profeta como vigia no turno da noite em uma escola de Ludovico, que representou cerca de um terço do total anual (32%). Essa remuneração, contudo, é insuficiente para manutenção das necessidades básicas da família, pois o pagamento mensal recebido pelo trabalho não alcança meio salário mínimo.

A atividade comercial, indicada no gráfico, correspondeu a 27% da renda monetária anual, mas poderia ser somada à renda proveniente do extrativismo, pois essa categoria compreende apenas a venda dos objetos de artesanato produzidos por Profeta a partir dos produtos do babaçu, sobretudo a venda de pacarás. A venda desses produtos é considerada por ele como “um dinheiro extra que dá para aliviar”. Por isso, Profeta afirma que “quando quero colocar um troquinho melhor no bolso, caio no mundo” percorrendo outras comunidades próximas, como Ludovico e Primavera.



Fontes de renda monetária familiar.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

Alguns produtos são também expostos por Profeta na casa de dona Lúcia, em Ludovico, por ele considerar um local estratégico, chamando atenção de quem passa pela localidade.

Sem considerar os pacarás produzidos por Profeta, o extrativismo contribuiu com 14% da renda monetária, incluindo a comercialização de amêndoas e um valor menor recebido pela venda de carvão.

Quando estava no Pará, Josiane não praticava o extrativismo, retomou a atividade somente após sua volta ao Maranhão há pouco mais de 1 ano. Por estar recuperando as habilidades com a quebra do coco-babaçu, Josiane consegue extrair até 4 kg (quilogramas) por dia, quantidade que considera pequena, mas significativa, pois é por meio dela que consegue suprir as carências da casa.



Foto: Aline Nascimento

Objetos confeccionados por Profeta expostos para venda na casa da mãe.

Em 2017, a família comercializou um total de 500 kg de amêndoas e produziu 8 latas de carvão a cada 15 dias, o que resulta numa produção anual de cerca 960 kg de carvão, a maior parte utilizada para o consumo familiar. Também para o consumo, ao longo do ano, Josiane produziu 20 L (litros) de leite de coco, e o casal utilizou cerca de 12 latas (60 kg) de paú de babaçu como adubo orgânico, em seus canteiros e plantios ao redor da casa.

As amêndoas de coco-babaçu são vendidas em Ludovico na cantina da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco e Lago dos Rodrigues (Coppalj). Dependendo da necessidade imediata, as amêndoas são trocadas por mercadorias como arroz, café e açúcar, ou a família pode optar pelo pagamento em espécie. A comercialização dos pacarás com famílias de Ludovico ou comunidades vizinhas acontece da mesma forma: Profeta recebe dinheiro ou troca os produtos por alimentos como feijão, arroz ou maracujá, dentre outros.

Já a agricultura representou 24% dos ganhos monetários familiares no ano em questão. Os produtos da roça são destinados, principalmente, para a alimentação do casal, e a comercialização se dá somente se houver excedente, o que não ocorreu no ano pesquisado, quando os produtos agrícolas comercializados foram as bananas produzidas no quintal de dona Lúcia.

Foto: Aline Nascimento



Bananal no quintal da família, ao lado da residência.

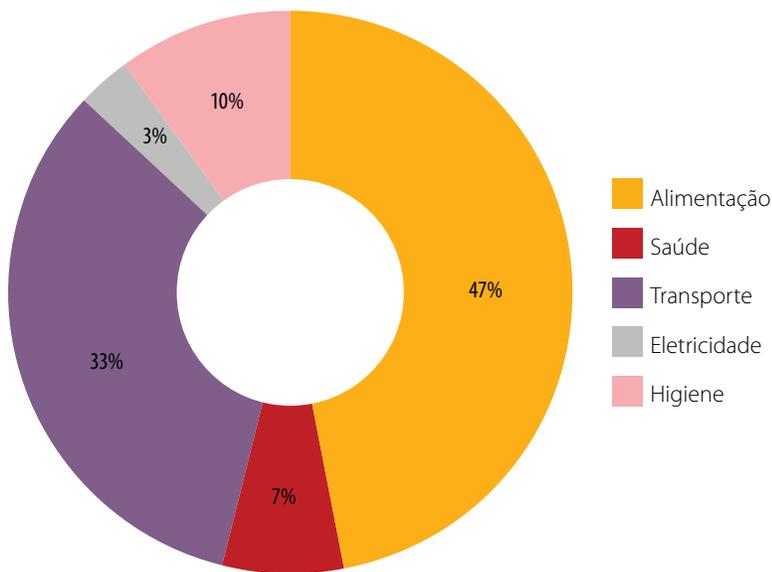
Josiane participa das atividades da roça, tanto no plantio quanto na colheita, e, sempre que necessário, Profeta troca diárias com outros trabalhadores. O casal também produz farinha quando a produção de mandioca é boa, utilizando o aviamento (casa de farinha) instalado no Centro da Aparecida. Como pagamento pelo uso, de cada três sacos produzidos pagam 10 kg de farinha.

Com relação às despesas mensais familiares, o gráfico a seguir foi elaborado a partir dos registros do casal relativos a abril de 2018, mês que antecedeu a visita. O casal realizou despesas monetárias limitadas para o mês pesquisado, e o maior gasto resultou da alimentação, equivalente a pouco menos da metade (47%) do total mensal.



Foto: Aline Nascimento

Josiane preparando a refeição.



Gastos familiares.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

Apesar da porcentagem elevada, são adquiridos somente itens necessários ao abastecimento familiar que não são produzidos localmente. No ano de 2017, a produção de alimentos da roça alcançou 450 kg de arroz, 240 kg de milho, 10 kg de feijão e 20 kg de fava, além de 50 kg de batata-doce e mandioca para produzir 200 kg de farinha, o suficiente para suprir boa parte do consumo familiar. Outros gastos que resultam com porcentagem relevante foram as despesas com transporte, com higiene e cosméticos. Contudo, o valor absoluto dessas despesas foi também bastante limitado, indicando uma economia familiar caracterizada pela subsistência, ao menos para o mês considerado.



Profeta retirando água no poço de sua residência.





Lições aprendidas e desafios

A comunidade de Aparecida foi formada recentemente e ainda sofre com a fragilidade das políticas públicas voltadas para o território rural. Uma das principais dificuldades sentidas pelas famílias é o abastecimento insuficiente de água. No assentamento, não há poço artesiano coletivo, e o casal não possui cacimba individual. Em virtude disso, a água que abastece a unidade familiar é da casa vizinha, dificultando, assim, o desejo de expansão das atividades produtivas.

O emprego da palha de babaçu é traço marcante nas comunidades rurais maranhenses, pois é um elemento abundante na natureza e do qual dispõem com facilidade. As técnicas para extraí-la, os tantos usos que podem ser dados e as estratégias para garantir maior durabilidade são resultado de observações diretas, de saberes herdados e, também, de conhecimentos experimentais. O que Josiane e Profeta nos contam por meio de suas vivências é uma história de como, “utilizando a autoconfiança criativa, o conhecimento empírico e os recursos locais disponíveis” (Harwood, 1979 citado por Altieri, 2004, p. 29), os camponeses adaptam esses saberes, recriam e os aplicam como mecanismo de empoderamento econômico.



Josiane e Profeta trabalhando juntos a partir de coco e da palha do babaçu.

O desejo do Profeta é estabelecer um ponto de venda para seu artesanato em Ludovico, ao lado da casa da mãe, porque esse povoado é mais centralizado e populoso, e, assim, as possibilidades de vendas aumentam. Entretanto, isso não o impede de continuar fazendo entregas em domicílio, inclusive nos povoados vizinhos. O estabelecimento de um local para venda seria também uma forma de estocar os produtos e garantir a comercialização ao longo do ano todo. Estaria, dessa forma, solucionando um problema, principalmente durante o inverno, pois nesse período acaba perdendo várias oportunidades, “porque a palha não murcha, apodrece, fica verde e estraga rapidamente”.



Foto: Aline Nascimento

Profeta confeccionando esteira de olho de palha de babaçu.

Apesar da constante procura, a pouca valorização do trabalho artesanal é uma das dificuldades enfrentadas por Profeta. Alguns produtos como tapetes, por exemplo, são produzidos somente sob encomenda. Certos clientes não aceitam o preço cobrado, e, segundo ele, “não compensa vender por um preço pequeno, porque come o tempo da gente, às vezes, a gente até deixa de ganhar uma diária melhor”. Mas, ao permanecer na atividade, Profeta contribui para o resgate e a valorização da cultura local e evidencia as alternativas não agrícolas desenvolvidas pelas famílias camponesas, para a melhoria de suas condições econômicas, e que, de igual modo, também contribuem para sua autonomia.







Referências

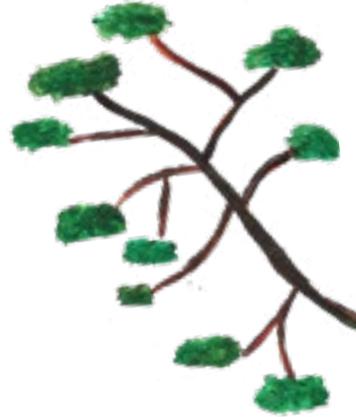
ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

ANDRADE, M. Hoje a mulher é a estrela: divisão sexual do trabalho guerreiro nas lutas camponesas no Maranhão. In: FERNANDES, B. M.; MEDEIROS, L. S. de; PAULILO, M. I. (Org.). **Lutas camponesas contemporâneas**: condições, dilemas e conquistas: a diversidade das formas das lutas no campo. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. p. 223-246.

ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO. **Diagnóstico socioeconômico da agricultura familiar no Médio Mearim**: agosto-novembro 2017. [Pedreiras, MA: Assema], 2018. Relatório não publicado.

LINHARES, A. da S. **Quebradeiras de coco babaçu no Médio Mearim, estado do Maranhão**: (re)construindo identidades e protagonizando suas histórias em defesa de patrimônios coletivos. 2016. 289 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA.





Coleção Mestres do Agroextrativismo no Mearim

Reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade

- Volume 1 O novo reforço na produção agroflorestal de Domingos Mariano e Ivanilde
Quilombo São Bento do Juvenal, Peritoró, MA
- Volume 2 A produção da família Alves de Sousa aliada à recuperação do solo
Centro do Bertolino, Lago do Junco, MA
- Volume 3 A roça agroecológica da família de dona Sibá e seu João Valdeci
Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA
- Volume 4 As vivências da família Sousa Lopes na construção da diversidade
Pau Ferrado dos Procópio, Lago do Junco, MA
- Volume 5 A preservação da biodiversidade pela família Santos
Povoado de Mangueira, Lima Campos, MA



Cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área

- Volume 6 A tradição da família de dona Belinha no cultivo do feijão abafado
Povoado do Lago do Sigismundo, Esperantinópolis, MA
- Volume 7 A recuperação da roça por meio de capoeiras de sabiá da família Soares
Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA
- Volume 8 As vivências da família Martins na produção agroecológica
Povoado Nova Olinda, Lima Campos, MA

Cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental

- Volume 9 As boas práticas da família Pereira Santana
Sítio Novo, Lago do Junco, MA
- Volume 10 Alcimar e Maria de Fátima e a tradicional prática da roça no toco
Vila Nova, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 11 As boas práticas de produção sustentável da família Araújo
Povoado Palmeiral, Esperantinópolis, MA

Cultivos comerciais sustentáveis de hortaliças

- Volume 12 As boas práticas na produção agroecológica da família Furtado
Centro da Zozima, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 13 O exemplo da família de Josilene e Mizael no cultivo da horta

Povoado de Três Poços, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 14 As inovações de Rosa e Tião para uma boa produção em pequenas áreas

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

Pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais

Volume 15 As boas práticas dos Sousa na criação bovina em babaçuais

Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA

Volume 16 A integração de cultivos, criações e extrativismo pela família Cordeiro

São José dos Mouras, Lima Campos, MA

Volume 17 A experiência da família Meneses no manejo do babaçu em pastagens

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Inovações na criação de pequenos animais

Volume 18 A diversidade da criação animal da família Monteiro

Povoado Canafístula, Esperantinópolis, MA

Volume 19 A integração das atividades produtivas da família Sousa

Povoado Baixinha, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 20 Sebastião e Maria de Fátima: produção aliada à conservação

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA



- Volume 21 A vivência dos Freitas no manejo da roça e na criação de aves
Povoado de Alto Alegre, Lago da Pedra, MA

Processamento local de frutas, mandioca e leite

- Volume 22 A diversificação da produção de dona Lila e seu Toinho
Comunidade Centro dos Cocos, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 23 Dona Beta e seu Matias pela preservação da vida e do solo
Estrada da Vitória, Poção de Pedras, MA
- Volume 24 As boas práticas de produção e processamento da família de Lúcia e Chico Fartura
Povoado Serrinha, Igarapé Grande, MA
- Volume 25 A qualidade da produção tradicional de queijo por Francisca e José Meneses
Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato

- Volume 26 Os saberes da família Rego da Silva e o artesanato com babaçu
Centro do Coroatá, Esperantinópolis, MA
- Volume 27 As boas práticas de dona Alódia na produção do sabonete de babaçu da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais
Comunidade Ludovico, Lago do Junco, MA

Volume 28 A tradição do coco-babaçu na família de Francilene e Antônio Adão

Povoado São João da Mata, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 29 A produção artesanal de azeite de babaçu da família Santos

Serra Quebrada, Poção de Pedras, MA

Volume 30 Francisca e Miguel e a beleza na produção do pacará

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA







O projeto Bem Diverso visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos, por meio do manejo sustentável de espécies e de sistemas agroflorestais (SAFs), de forma a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e dos agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida.

Fruto da parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o projeto é executado com o apoio de organizações do governo e da sociedade civil com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). As atividades tiveram início em 2016 e vão até 2020. Os principais eixos são a promoção do desenvolvimento sustentável de seis Territórios da Cidadania (TCs), por meio do uso da biodiversidade e de sistemas agroflorestais, e a geração de subsídios para aperfeiçoar as políticas públicas sobre uso sustentável e conservação da biodiversidade.

O Bem Diverso atua nos biomas Cerrado, Caatinga e Amazônia, reconhecidos pela importância socioambiental, mas ameaçados pelo desmatamento e aumento de práticas agrícolas insustentáveis. Nesses biomas, o projeto trabalha diretamente em seis TCs: TC Alto Rio Pardo (MG) e TC Médio Mearim (MA) no bioma Cerrado;

TC Sobral (CE) e TC Sertão de São Francisco (BA) no bioma Caatinga; e TC Alto Acre e Capixaba (AC) e TC Marajó (PA) no bioma Amazônia.

Os TCs são caracterizados por elevada biodiversidade; pela presença de espécies de plantas de importância econômica, manejadas por comunidades locais; pelo potencial para melhoria da qualidade dos produtos da biodiversidade, desde a coleta, passando pelo processamento até o consumo; e pela possibilidade para desenvolver ações com SAFs.

Contato

Parque Estação Biológica (PqEB), s/nº

70770-901 Brasília, DF

Fone: (61) 3448-4912

E-mail: contato@bemdiverso.org.br

www.bemdiverso.org.br





A Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) é uma organização privada sem fins lucrativos de caráter regional, criada e liderada por agricultores(as) familiares e extrativistas do coco-babaçu. Fundada em 1989, a Assema tem sede na cidade de Pedreiras, localizada na parte central do estado do Maranhão, e tem por missão promover a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas. Instituição parceira do projeto Bem Diverso no Território da Cidadania do Médio Mearim, no Maranhão, a Assema promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais.

Os objetivos estratégicos da Assema incluem combater as desigualdades de gênero e geração; contribuir para a produção de alimentos seguros e diversificados destinados ao autoconsumo e mercados; gerar renda por meio da organização dos processos comerciais cooperativistas e associativos no mercado justo e solidário; apoiar ações de educação contextualizada em escolas públicas rurais e de alternância; e empoderar os sujeitos para a intervenção nos espaços de tomada de decisão em políticas públicas destinadas à agricultura familiar.

A Assema é uma entidade plural que incorpora segmentos e ações diferenciadas, o que tem possibilitado amadurecimento na

forma de gestão participativa em que a orientação de suas ações parte das organizações de base. Para atender a essa dinâmica, conta-se com uma estrutura organizacional composta por áreas de Governança e Gestão Programática, Mobilização e Visibilidade.

Contato

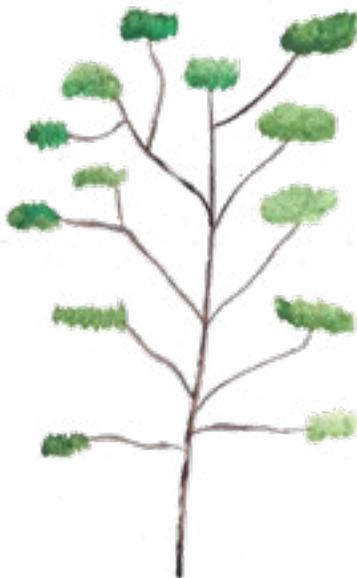
Rua da Prainha 551

Bairro São Benedito

65725-000 Pedreiras, MA

Fones: (99) 3642-2061 / (99) 3624-2152 / (99) 3634-1463

www.assema.org.br





Impressão e acabamento





Patrocínio



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ISSN 978-65-86056-66-2



9 786586 056662

CGPE 15735